

“TER DUAS PERNAS É LIMITADOR QUANDO SE / VOMITA O MUNDO”¹: ENTREVISTA COM CLÁUDIA R. SAMPAIO

“HAVING ONLY TWO LEGS IS LIMITING / WHEN YOU ARE VOMITING THE WORLD”: INTERVIEW WITH CLÁUDIA R. SAMPAIO

*Adriane Figueira Batista
Bruna Del Valle de Nóbrega²*

Cláudia R. Sampaio nasceu em Lisboa no ano de 1981. Estudou Cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema, antigo Conservatório Nacional. Durante algum tempo trabalhou como guionista, escreveu um longa-metragem e outros trabalhos audiovisuais. Hoje escreve peças de teatro, colabora em revistas e antologias e é poeta. Atualmente é também empresária, dona do Folhas d’Erva – café literário que está localizado no coração da capital portuguesa, onde vive com suas duas gatas.

Desconhecida por grande parte do público leitor brasileiro desponta como um nome de grande relevância e força da nova literatura portuguesa. Tem três livros publicados em Portugal: *Os dias da corja*, de 2014, pela micro-editora Do Lado Esquerdo; *A primeira urina da manhã*, no ano de 2015, pela Douda Correria e *Ver no escuro*, em 2016, com edição da primorosa Tinta da China. O primeiro livro encontra-se esgotado devido ao baixo número de tiragens, e a segunda obra com nova edição recém-lançada pelo mesmo grupo editorial (Douda Correria). Não há publicações de Cláudia R. Sampaio no Brasil.

Essa entrevista é um meio de divulgar para os leitores brasileiros a mais recente publicação da poeta, portanto as perguntas foram todas pensadas e direcionadas a partir do livro *Ver no escuro*³, muito bem recepcionado em Portugal e com diversas críticas favoráveis.

Sobre esta obra, Pedro Mexia adverte na apresentação: “*o que arde também cura*”, pois que tudo depende da dose, o remédio só tem efeito assim. A linha invisível que nos derruba e levanta se configura como esse deslocamento entre vida/amor/dor/morte. É reavivar a memória em conflitos constantes, ou ainda, a partir dela desenhar novas imagens, lançar mão da experiência do olhar que se desdobra em linguagem poética: o inaudito, o insólito, o desassossego pela palavra.

Cláudia R. Sampaio percorre terrenos fúgidios e salta brusca-mente por entre eles, ora em meio à luz, ora em meio à escuridão. Esse olhar agudo que enxerga para além do aparente é a ponte para o mergulho profundo nas chamas interiores, nesse fogo posto que arde cá dentro e que desnorteia nossos sentidos, forjando novas percepções, inundando de vida o cotidiano cinza ou ainda uma poética aflita em cor de sangue fresco.

Entrevista gentilmente concedida por meio eletrônico no mês de agosto de 2016.

Pergunta: “Onde estão os Poetas que morrem a cada verso?” (Sampaio, 2016, p. 73). *O poeta é tido como uma figura diferente das demais, quase um deus, um profeta. Como a partir da experiência sensorial ou ainda factual é possível (re)criar uma nova linguagem que agregue sentidos e desponte o fazer poético?*

Cláudia: Sempre vi o Poeta como um visionário, alguém que nos faz Ver com outros olhos que não estão visíveis, mas que estão dentro destes, os que estão habituados a ver apenas o que é mais acessível. O Poeta é, no meu entender, alguém que nos faz chegar o inacessível e transcendente através das suas palavras. É por isso que tenho reservas em afirmar que sou Poeta. Eu escrevo tentando ir a sítios aonde não vou de outro modo, mas não me leio como os outros me lêem, não sei falar sobre isso. Quando escrevo poemas, dou-me. Não me tenho. Faço uma espécie de inversão do lugar das coisas, uma abstracção presente e consciente, uma contemplação. Ouvir por dentro, ver por dentro o que está cá fora.

Pergunta: *Como você a partir das suas percepções e da sua subjectividade constrói seus versos impessoais?*

Cláudia: A minha poesia nunca é impessoal, pelo contrário. Só sei escrever com parcialidade, com subjectividade. Tudo o que digo é através da minha experiência, dos meus sentimentos, da minha visão. Quero falar sobre as grandes coisas, indo pelas pequenas. Se observar o trajecto de um pássaro através da minha janela, posso aprender algo grandioso. Penso que só depois de pensarmos nessas pequenas coisas, nas que estão mesmo à nossa frente, nos pequenos gestos de amor diários, poderemos ser mais e ir mais além.

Pergunta: *Como transitam nos seus poemas a subjectividade e suas vivências íntimas?*

Cláudia: Tal como disse acima, a subjectividade, as minhas vivências íntimas são os pilares dos poemas. É a partir daí que nasce o resto: como se num instinto cego (que deve ser ao mesmo tempo o mais certo,

ou o que mais nos mostra) vou por aí fora. Costumo dizer que escrevo para pensar o que normalmente não penso e tentar saber o que não sei que sei. Ou para reafirmar e confirmar o que já sabia.

Pergunta: *Você diz num dos versos de um poema de Ver no escuro: “Se me descubro, finjo, mudo de parágrafo,/ rebento impiedosamente com o contexto/ que me fixe em poema./ Minto e posso” (Sampaio, 2016, p. 30). Isto seria uma espécie de fingimento pessoano, mesmo que sua poesia tenha o caráter tão íntimo?*

Cláudia: Já não sei bem o que quis dizer com esse verso, tal como muitas vezes não sei o que quero dizer com outros (acho que não o sei grande parte das vezes, talvez devido ao transe, à inconsciência consciente com que escrevo). Talvez nesse dia não quisesse ser eu... Talvez não quisesse saber. Talvez tenha escrito sobre isso mesmo.

Pergunta: *Como você incorpora suas leituras e encara a recepção dos seus poemas pelo público?*

Cláudia: Quando se lê muita poesia há o risco de sermos bastante contaminados com a poesia dos outros. Aliás, acho que isso acontece na arte em geral. Tudo vem de algum lado, somos heranças uns dos outros. Contudo, se nos mantivermos fiéis aos nossos sentimentos que são apenas nossos, a influência é sempre benigna. Quanto à recepção dos meus poemas pelo público, vou citar algo que já escrevi uma outra vez: não penso no público quando escrevo, não espero nada. Escrever é ser solidão. Pode ser tão perigoso como estar à beira de um precipício. O leitor deveria apenas ter a noção desse perigo, dessa urgência de vertigem que faz mover a caneta. Por isso, que leia não com os olhos mas com a vida toda, com a fome, com o invisível. Só assim poderá ter o estremecimento necessário ao entendimento do que está para além da palavra, e ser também ele poema.

Pergunta: *Na sua linguagem poética, o que é a imaginação, o sonho e essa ardência solitária da qual você trata?*

Cláudia: Talvez sejam condutores de verdade, uma espécie de “pistas” para o caminho que deveríamos seguir. Tento por vezes, pelo contrário, livrar-me da imaginação e reduzir tudo à sua essência bruta, visceral e primária. Sem artefactos. Tento ir à base de tudo, aos sentimentos sem rede, como se esperasse que daí pudesse vir a tal ‘verdade’ que gostava de encontrar. Mas penso que só posso mesmo imaginá-la, nunca vou saber o que é.

Pergunta: *Você cria uma imagem de um rio a secar, o que sugere despedidas não desejadas, cria também imagens de incêndio, vulcões em erupção. A voltagem de alguns poemas de Ver no escuro nos encaminha para uma linguagem altamente erótica, mas sempre com uma ponta de desilusão, um peso insuportável de devires esvaziados. Por que essa desesperança paira sobre suas palavras no papel?*

Cláudia: O devir é um caminho inelutável, mas nunca de vazio. Há muita desesperança porque não posso mentir mas penso que também

há esperança nos meus poemas. Talvez seja uma esperança com os pés muito assentes na terra, muito magrinha, mas ainda assim, esperança. E qualquer esperança, mesmo que pequena, é já um lugar onde podemos estar bem.

Pergunta: “Tentei encontrar por entre a saliva/ dos hábitos uma forma de me manter humana/ e reescrita/ sempre em dança radioactiva de violenta/ pulsão...” (Sampaio, 2016, p. 23). *Apesar dos signos deste poema carregarem uma desesperança latente, este sujeito se move à procura de rotas de fuga por se saber finito, efêmero. Qual a sua ideia de infinito, de se fragmentar em milhões de outros? Quão mística é a sua poesia e qual relação estabelece entre este além poético e o aqui cotidiano?*

Cláudia: O aqui quotidiano está cheio de além-poético, sem que nos apercebamos. Quando escrevo, é esse o exercício que tento fazer, como que numa espécie de transe: ver o que está ‘além’. O que está por debaixo do chão? Atrás daquela mesa? Dentro das palavras de alguém? Dentro das minhas? Porque vou agindo assim e não de outro modo? E os outros? Então se calhar pode dizer-se que a minha poesia é em parte mística. Quanto ao fragmentar-me em milhões de outros, são talvez as partes de mim que não conheço, que me parecem estranhos que apenas vejo à distância.

Pergunta: *Os seus interlocutores são claros? Identificamos na leitura dos seus poemas um “eu” adorado e outro “eu” rejeitado.*

Cláudia: Não há nenhum “eu” que veja como sendo adorado. Há um ‘eu’ que sinto, mas só sei falar dele em poema.

Pergunta: *O último poema da obra é o renascimento desse eu plural que você inaugura, mas que se cala e que só vê no escuro, porém que é ao mesmo tempo o poder da insurreição. O que você sente ao terminar um poema?*

Cláudia: Que tentei ver no escuro.

NOTAS

1 Versos de um poema sem título da obra *Ver no escuro*, p.49.

2 A primeira autora é formada em Letras com licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, possui especialização em Literaturas Portuguesa e Africanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atualmente é mestranda do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo. A segunda autora é graduada em Letras Francês/Português na Universidade de São Paulo e tradutora, atualmente é mestranda do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo.

3 SAMPAIO, Cláudia. *Ver no escuro*. Lisboa: Tinta-da-China, 2016.